

V ENCUESTRO INTERNACIONAL FÓRUM PAULO FREIRE
Instituto Paulo Freire de Espanha
Sendas de Freire: Opressões, Resistências Y Emancipaciones En Nuevo Paradigma De Vida

Círculo de cultura: Globalización, trabajo e identidades

Título: Trabalho Docente, Gênero e Questões Nascentes: Fios e bordados Que Se Costuram

Reis, Maria Amelia Reis (FCT/UC-PT)¹ (asouzareis@fpce.uc.pt)

& *Rabelo, Amanda* (FCT/UA-PT)² (arabelo@ce.ua.pt)

Resumo: Penetrar a dimensão dos poderes e saberes que envolvem as subjetividades que se constroem nos possibilitou reencontrar Paulo Freire e a importância de suas análises políticas que colocam a educação como uma experiência histórica singular marcada pela relação de cada um consigo mesmo, com o outro e com as políticas do Estado na progressiva emergência da subjetividade e das representações que emergem das várias formações discursivas. Trazer ao debate as escolhas pelo trabalho docente em sua tessitura com as questões de gênero como lugar onde se entrelaçam fios que se costuram a todo um conjunto de técnicas de fabricação de sujeitos, homens e mulheres, nos possibilitou compreender que o lugar das escolhas é também uma opção histórica marcada pelas práticas discursivas e não-discursivas que nos constroem para ser o que somos e dizermos o que dizemos. Com o objetivo de desvendar as forças que nos constituíram como sujeitos de verdade capazes de fazer opções de trabalho profissional, sem nos darmos conta das contingências que nos colocam os discursos e as imagens representadas se coloca a problematização Que processos nos assujeitam como homens e mulheres de acordo com toda uma maquinaria formadora de sujeitos presos a uma racionalidade que se exprime como única e soberana? Pretendemos que esse texto em toda sua simplicidade, se configure como um instrumento de novas experiências investigativas sob o temática anunciada de forma a que se problematizem novas questões e que emerjam novos instituintes.

Palavras-chave: trabalho – docência – gênero - atualidade

¹ Profa Dra do Curso de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Em Pós-Doutoramento na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação na Universidade de Coimbra/PT, com financiamento da Fundação de Ciência e Tecnologia FCT-MCT/PT .

² Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade de Aveiro - com financiamento da Fundação de Ciência e Tecnologia FCT-MCT/PT

Aproximações

Em tempo de tanta incerteza e desesperança, em que modelos econômicos se esforçam para continuidade de seus propósitos, colocando populações inteiras à beira do colapso de suas últimas afirmações humanas, o direito ao trabalho/emprego como fonte única, ainda pensada, de satisfação das necessidades básicas da existência. Espaços e tempos onde as crises se acirram na crítica ao modelo que se esgota, torna-se difícil, quase impossível, ao homem garantir sua inteireza: em suas crenças, em seus valores, em seus anseios e desejos, em seus próprios limites. Todavia, é neste cenário em que a ética coloca-se como ponta de lança às possibilidades de liberdade se faz importante lembrar Paulo Freire e seus convites: ao diálogo, à esperança, à mobilização, ao amor e prazer de ensinar e aprender, de conquistar o mundo da amorosidade e da indignação face às diversas formas de miséria humana.

Num tempo em que o Mal é o grande tema, em que a violência, o medo e o desamparo são ingredientes constantes do nosso cotidiano, onde a corrupção e as diversas formas de violência se tornaram lugares comum em nosso dia a dia, o educador Paulo Freire, militante e político, vem ao nosso encontro para lembrarmo-nos através da memória de sua trajetória de vida, o sentido da conscientização e da necessidade da práxis coletiva enquanto teoria do conhecimento e a sua metodologia como filosofia de educação.

O reencontro com o mestre da esperança, nesta comunicação, se dará como um libelo ao desafio de poder romper com cânones e verdades tidas como definitivas que, ainda, impregnam a academia e recuperar do trabalho o seu sentido mais profundo, o sentido da vida. Por isso, investir aqui nas teses de Michel Foucault para demonstrar a importância dos fios a desfilar e dos bordados a costurar entre formação, gênero e as questões que desabrocham nesse século XXI, entre dúvidas e esperanças.

Assim, nos perguntamos: Que processos, que forças têm se constituído como formadores de identidades de gênero capazes de conduzir pessoas ao exercício profissional com as práticas educativas escolares? Se as mulheres constituem massivamente o trabalho educativo nas escolas, onde estarão os homens e suas possibilidades de encontrarem-se diante do ofício de ensinar crianças? Como se tem movimentado o relógio do tempo, as voltas e reviradas do mundo do trabalho e da vida em nossa sociedade contemporânea, altamente globalizada, mas nem por isso totalmente desterritorializada para estimular escolhas inovadoras?

Ao considerar o caráter pedagógico de toda uma obra e vida de educador que não temeu o isolamento por suas idéias e que se fez educador educando, se fazendo sujeito de um processo em que o discurso da prática é profundamente coerente com a prática de seu discurso, ficam indagações que nós, professores, teimamos fazer, uns aos outros e colocarmos a nós mesmos. Como praticar a justiça nas relações pedagógicas? Que processos, que forças nos impedem de sermos mais político e menos técnicos, mais amorosos e menos agressivos no o processo educativo? Como ensinar e aprender a partir de uma visão de homem que é integral, político, com sentimentos e emoções? Tais indagações nos levam a problematizar a possibilidade de novas e atuais forças em meio às estratégias que asseguram a globalização, que não se dá apenas no âmbito da economia e das finanças, mas nas várias dimensões do cultural em toda sua pluralidade?

Certamente, também estas eram indagações que se fazia Paulo Freire em suas imersões aos mais longínquos lugares, cá entre nós e alhures, levando ao povo a necessidade da conquista da palavra e da escrita, criando ações pedagógicas humanizantes (não só humanistas) que se incorporassem a uma pedagogia da revolução e da liberdade. Não uma pedagogia da opressão da qual se ocupou Michel Foucault em suas teses para desconstruí-la entendendo-a como produto de discursos que constroem

na dimensão das relações de poder e como estas demarcam o lugar dos saberes e dos assujeitamentos.

Por essa via conduziremos nossas reflexões sobre a problematização anunciada, caminhando pela via da liberdade metodológica sem nos preocuparmos em mantermos intactos os cânones disciplinares das ciências tradicionais, pois consideramos nosso campo de investigações como semovível, altamente disputado e contestado pelas forças que determinam sermos isso ou aquilo, agirmos desse ou daquele modo, mas sempre atendendo a interesses exteriores a nós mesmos.

Poderes, saberes e as tramas na construção dos assujeitamentos

Emoção, amor, prazer, paixão, partilha... são palavras que enunciam sentimentos que se ligam ao *Eros* como *vontade intensa, força vital e desejo*. Enunciações paradigmáticas repletas de sentidos e significações que instituem discursividades construídas historicamente, atribuídas a alguma autoridade para falar, mas que ao se deslocarem em cada época e espaços sociais específicos, se dobram e desdobram constituindo novos sentidos e forças que passam a integrar novas redes de saberes que conferem aos indivíduos novas perspectivas de serem os que são.

Tudo em nós, em nosso *Eros* primal começa muito cedo. Inicia-se quando começamos a aprender a viver, pois aprendemos a viver aprendendo a amar. Ao menos no começo da vida, a urgência que busca satisfação e o desejo de prazer é a primeira referência do conhecimento. Visto assim, desta maneira, o *Eros* e a sexualidade que a partir dele se expressa é a primeira condição ou força para a aprendizagem, ou seja, sem *Eros*, sem sexualidade, sem prazer, não haveria o desejo de aprender ou ensinar (REIS, 2002).

A educação, que começa na busca incessante da satisfação de nossas urgências e desejos imediatos, postos em diálogo com idéias, desejos e vontades de outras pessoas movimenta-nos entre o aprender a amar e o amar o aprender. Assim, o *Eros/sexualidade* é central e nuclear aos movimentos de subjetivação que nos fazem tornar cidadãos e cidadãs na criação/recriação de um eu (nós) capaz de construir as condições propícias às defesas, às lutas e às conquistas, sentindo de forma apaixonada a realidade que nos envolve e aos outros, a partir das experiências de aprender a amar e de fazer dessa aprendizagem do amar, o amor por aprender. Entretanto, como nos afastamos desse “ideal romântico” de sermos homem ou mulher? Que processos nos assujeitam como homens e mulheres de acordo com toda uma maquinaria formadora de sujeitos presos a uma racionalidade que se exprime como única e soberana?

O desfiar dos fios

Vamos buscar nas teses de Michel Foucault algumas referências explicativas para a constituição desse sujeito de verdades, produto de discursos múltiplos e variados que se objetivam nas práticas de poder e que o esmiuça em seus mínimos detalhes para discipliná-lo, não sem resistências, mas dispô-los na ordem dos discursos e no discurso da ordem.

O poder não nasce com a constituição dos Estados Modernos, ele é muito anterior a ele, pois sempre existiu principalmente focado na relação entre o mais forte e o mais fraco. Com a Modernidade ele surge sob a forma de poder disciplinar, com suas estratégias calcadas nas práticas de vigilância que retiram do poder do soberano suas impossibilidades de vigiar a todos. Forma de transmutação entre os poderes existentes, o pastoral que se institucionaliza nas práticas cristãs medievais em sua verticalidade como individualizante, sacrificial, salvacionista, detalhista e o poder soberano que por

não valer-se da mesma lógica do primeiro a ele se entrega de modo a se cumprir com a dominação das massas, é o poder disciplinar que nos vai conduzir pelas técnicas que engendra às sutilezas desse poder pulverizado.

Os séculos XVII e XVIII, são profícuos no engendramento dessas novas técnicas que se centralizam sobre os corpos das pessoas e que carregam em si efeitos no âmbito da macropolítica e da economia em suas transformações. Toda uma tecnologia passa a se ocupar dos espaços e dos tempos individuais, ordenando-os, classificando-os, distribuindo-os, selecionando-os, seriando-os, permitindo a uns poucos “saberem muito” sobre todos. Esse panoptismo realizou-se sobremaneira em todas as instituições modernas, em seus mínimos detalhes, quer nas prisões, nos hospitais, nos asilos, nas fábricas, quartéis ou escolas trazendo como produtos indispensáveis o poder disciplinar e suas técnicas e o poder estatal em suas políticas de ação no controle das massas.

Nesse quadro de referência em que um conjunto de modos de sujeição se aplica aos corpos e vidas humanas, surge as grandes estratégias do biopoder como produtor de efeitos sobre os múltiplos e plurais saberes sobre a sexualidade e sobre as condições de género como condições de aplicabilidade que passam por duas vias de apropriação de saberes: uma pela *scientia sexualis* e outra pela *ars erótica* (Foucault, 1994). Se para esta prevalecia a preocupação com o prazer e a construção da subjetividade, com a primeira, a ênfase se dá no discurso científico e na preocupação com a reprodução, afirmando-se o lugar do biológico e da medicina e seus discursos, na disciplinação dos corpos quer de homens ou mulheres e crianças.

Foucault nos alerta que progressivamente o discurso médico-biológico se torna pedagógico na medida em que sob a capa da repressão e do silêncio passa a ser exaustivamente falado na escola a partir da vigilância constante da criança, do seu

confinamento nas escolas internas, na separação entre os sexos, na própria arquitetura escolar e no combate sem tréguas à masturbação.

Os modos de atuação das formas disciplinares e controlistas sobre a sexualidade humana, se aplicam duplamente: por um lado se realiza como uma biopolítica da espécie humana e de outro lado, concretiza o controle coletivo a partir do conceito de população que surge para dar conta de um biopoder que se amplia de modo a descrever com mais minúcias esse corpo, agora quantificando-os sob formas variadas, tais como: índices de mortalidade, natalidade, morbidade, longevidade, etc. encerrando-se nele a produção de múltiplos saberes para prever o futuro.

Como múltiplas são as formas de dominação que se exercem sobre as sociedades, em todas as direções e sentidos, múltiplas também são as sujeições que tornam funcionais, ao corpos, individual e social. Nesse sentido, o Estado, diferente do pensamento hobbesiano, não é o lugar único e onipotente de toda uma geração e articulações do poder geral e amplo, ele é, podemos dizer, uma matriz de individualização a partir da qual cada um de nós vai construindo sua subjetividade em suas vivências e práticas sociais. Ou seja, o poder se exerce *no* estado e se legitima sob o amparo das instituições estatais, locus de articulação entre os saberes, poderes e a produção da economia no mundo do trabalho.

Esse sujeito moderno, ainda presentificado em cada um de nós em pleno século XXI, ainda entendido por muitos como objeto de influências externas e manipuladoras, é de fato também, produto do caráter arbitrário e opressor dessas mesmas influências que se materializam no mundo das idéias e dos conceitos formulados sobre as coisas a partir de imagens e representações que encobrem seu próprio caráter naturalizador e que faz com que os sujeitos acreditem que suas incapacidades são naturais e não algo construído social e culturalmente ao longo de todo um processo histórico. Assim,

podemos ainda arguir: de onde procede a idéia de um homem livre, autônomo e singular atualmente enfatizada pelos modelos globalizadores e neoliberais assistidos? De que liberdade ainda falamos? Liberdades de escolhas e liberdades para quem?

Ressaltamos que estudos sob o amparo de uma perspectiva arqueológica foucaultiana como as pesquisas de Julia Varela e Fernando Alvarez-Uria(1991), *A Maquinaria escolar*, nos mostra como a escola e a educação que por ela perspassa foi a instituição que mais disseminou a articulação íntima entre saber e poder. Saberes e poderes ainda ativos em nossas sociedades contemporâneas a instituir o sujeito e seus modos de sujeição.

Subjetividades que se constróem e escolha da profissão docente

Como explicar a gênese (não idéias primeiras) histórica da concepção de que a mulher deve cuidar dos infantes por serem meigas e amorosas, quase mães de seus alunos e os homens, por serem agressivos não devem expor-se a esses cuidados?

Idéias como estas deixam evidentes as marcas modernas da transcendentalização que ainda se submetem os sujeitos, entendidos como uma entidade anterior e acima da sua própria história. Nos jogos dos poderes que nos são impostos Foucault vai demonstrar de que formas e sob quais processos os sujeitos de verdade se instituem, assim apontar três modos de subjetivação: (a) a objetivação dos sujeitos nos campos dos saberes, presente nos trabalhos que realizou no âmbito da sua arqueologia, que mapeia e descreve; (b) a objetivação dos sujeitos no campo dos poderes, desafios de sua genealogia; (c) a subjetivação que se dá no âmbito do indivíduo que pensa e trabalha o ser consigo, seus registros no campo da ética de si por si mesmo.

Pelo exposto se pode inferir que as próprias escolhas dos sujeitos estão imersas no vetor de sua historicidade, ou seja, aquilo que ele pensou, a que ele chegou, aquilo

que coloca em discurso são efeitos das várias discursividades que o envolvem e que o foram constituindo, por isso, a importância de desatar os fios desses bordados construídos, para que uma vez, descritos e problematizados possam ser reveladores desse sujeito.

Representações e questões nascentes

Na perspectiva dos autores ligados aos estudos culturais a representação é produzida e não preexistente no mundo enquanto verdade. Ela é criada socialmente através de relações de poder que são estabelecidas. Silva (2002) destaca que o conceito de representação se associa ao conceito de “discurso” presente nas teses foucaultianas como fenômeno capaz de designar e criar coisas. Além de registrar, manifesta-se enquanto práticas que formam os objetos de que falam. Para ele, os signos criam sentidos com efeito de “verdade” se situando em campos estratégicos de poder. Todavia, acredita que a análise cultural não pretende restabelecer a verdade “escondida” pela representação, mas tornar visíveis as relações de poder envolvidas no processo de representação.

Yudice (2004) destaca que os sujeitos têm sido destituídos do poder de contar sua própria história, transformados em objetos representados, mas “*é tomando posse dos instrumentos produtores de imagem e de enquadramento que se pode desfiar a verdade das representações*” e, poder chegar às profundidades onde se escondem as materialidades discursivas.

Como as representações são processos intimamente articulados ao poder constituem também as imagens que se projetam da diferenciação sexual indicando-nos que as representações da mulher professora são construídas e também difundidas pelos homens e vice-versa. São representações circulantes que por oferecerem sentido

contribuem para a formação de modos de pensar e refletir sobre suas escolhas na profissão docente.

As representações generificadas são transmitidas desde a infância e fruto das tradições de diversos e múltiplos grupos socio-culturais, desta forma a representação de que a mulher é ideal para o magistério dos pequeninos vem acompanhada de várias representações periféricas como a da professora solteirona, da tia quase mãe, imagens sempre correlacionadas com as tarefas do lar e com os cuidados. Idéias e imagens que legitimam a entrega da mulher ao magistério como doação e sem preocupação com seu salário (Louro, 2000).

As representações concordantes e contraditórias são importantes para analisar os fatores impulsionadores das escolhas dos professores e para perceber a aquisição ou negação das crenças, valores, hábitos e significados provenientes do social representado.

Se reconhecemos que a partir da educação não só se transmite, mas também se constróem representações e que não elas **a realidade em si**, por serem mutáveis e passíveis de se construir, desconstruir e reconstruir-se, num processo constante, que age de várias formas, com diferentes velocidades. no mundo globalizado e pleno em imagens, será possível investigando a realidade da qual falamos e que já se faz sentir, que questões nascentes, ainda que embrionárias começam a evidenciar-se indicando que nos jogos dos poderes e saberes muitas inversões são possíveis dadas as condições que nos são impostas e que nos trazem como possibilidades de liberdade a idéia de uma nova ética que passa pelo governo de nós mesmos por nós mesmos e superação de realidades cristalizadas de um mundo não edificante.

BIBLIOGRAFIA

FREIRE,P. *A Educação na Cidade*, São Paulo:Cortez, 1991.

- _____. *Política e Educação*. São Paulo: Cortez, 1993
- _____. *Educação como Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- _____. *Papel da Educação na Humanização*. Revista Paz e Terra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- _____. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. *Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I- a vontade de saber*, trd. Albuquerque & Guilhaon, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1988, 7ª
- _____. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Arqueologia Do Saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal Ed, 1979. 7ª Ed.
- _____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- GIROUX, H., & McLaren, P. (1996). Por uma Pedagogia Crítica da Representação. In T. T. d. Silva & A. F. Moreira (Eds.), *Territórios Contestados* (pp. 144-158). Petrópolis: Ed. Vozes.
- LOURO, G. L. (2000). *Currículo, Gênero e Sexualidade*. Porto: Porto Editora.
- SILVA, T. T. d. (2002). A poética e a política do currículo como representação, *Educação on-line*.
- YÚDICE, G. (2004). *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG.